

humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLVII-VIII

ἴστημι, δίδωμι, δείκνυμι de outro... mas *φημί* depois *εἰμι, οἶδα*, mas *κάθημαι, κείμαι* ! O reino do caos. É tão clara, de resto, a falência do Autor neste particular que ele próprio aconselha, a p. 58 : «N. B. — O mais prático sobre os verbos líquidos é estudar os principais, que são poucos, como se fossem verbos irregulares, deixando de lado estas regras gramaticais acerca da formação dos seus tempos ².»

Os exemplos citados, e dezenas de outros que seria fastidioso enumerar, demonstram bem a infelicidade de uma obra que, de preferência a «gramática», se deve considerar, com muitas reservas, um medíocre «repetidor». Sinceramente, muito sinceramente desejamos que o Autor arrepie caminho em edições futuras. Assim o exige o interesse dos alunos, e a beleza de uma língua que se quer aprendida com afecto e não com repugnância.

Apresentação gráfica aceitável, embora modesta. A revisão, satisfatória na parte morfológica, é mais descuidada na sintáctica.

Em volume anexo, o Autor publicou cento e trinta e três exercícios, muito singelos, de aplicação dos paradigmas e regras gramaticais: todos, em grupos de dois ou de três, precedidos de sucinto vocabulário; nenhuma anotação suplementar.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

QUINTINO CATAUDELLA, **La novella greca**. *Prolegomeni e testi in traduzioni originali*. Collana di Antologie diretta da Giovanni Macchia. Nápoles, Edizioni Scientifiche Italiane, [1957]. 408 pp.

O leitor encontra neste trabalho de Quintino Cataudella, além de uma extensa monografia sobre a novela grega, um conjunto de textos criteriosamente seleccionados, e em tradução original.

A introdução merece uma especial referência. Nas 172 pp. iniciais, o A., que de modo algum se limitou a compilar teses e sugestões alheias, deu-se a uma tarefa útil e necessária, pois tratou exhaustivamente a problemática da origem e desenvolvimento da novela grega. Oferece-nos uma visão do estado actual do assunto.

² Nosso o itálico e o spacejado.

Parece-nos de toda a conveniência que a obra de Cataudella tenha começado, como começou, por definir o conceito de novela a estabelecer as diferenças entre esta e as formas afins da narrativa de invenção. Apesar de nem Gregos nem Latinos terem possuído uma palavra específica para designar este «género» (aqueles usavam *λόγος, ἀπόλογος, αἶνος, διήγημα, διήγησις, πλάσμα, δράμα*; estes, *fabula, fabella, enarratio, historia, mythistoria* e ainda *res ficta, exemplum fictum, argumentum*), apesar de o termo actualmente empregado ser de origem italiana, a novela grega (e greco-latina) apresenta características próprias.

No seu primeiro momento, é certo, a novela não constituía um «género» e andava ligada e confundida com os mitos, a epopeia, a narrativa histórica ou pseudo-histórica, a florava na poesia lírica e na poesia dramática. É a fase que Menéndez Pelayo apelidou de «novela antes da novela». Só depois é que surge como forma artística independente.

Tem interesse ver como, na obra a que nos referimos, está tratado o problema da origem da novela grega. O A., aludindo a algumas correntes da moderna critica, — por exemplo Reinhardt (*Das Parisurteil*, Francforte do Meno, 1938) —, que admitem um fundo novelístico subjacente aos poemas homéricos, põe o problema nos seus devidos termos: «Temi novellistici si possono dunque riconoscere *néiVlliade*, e la stessa costruzione dell'intera *Iliade* è stata supposta da taluno — ma non è facile dare ragione in tutto a tali critici — come modellata [...] su uno svolgimento epico, che abbiamo riconosciuto di carattere novellistico, dunque su una trama di novella. Con molto maggior ragione e verosimiglianza una cosa simile si può dire, ed è stata detta, per *Vodissea*, alia quale si adatta meglio — anche se storicamente non sia da accettare — la definizione romantica e vichiana di poesia ispirata dal popolo» (pp. 24-25). Mais adiante, estabelece-se: «A noi non spetta, qui, prendere posizione circa il problema generale della composizione dell' *'Odisea*, a noi basta riconoscere [...] il carattere e l'origine novellistica di talune significative parti del poema» (p. 29).

E no capítulo III, Cataudella, já que no seu desenvolvimento a novela segue os caminhos apontados por Homero, recusa-se a aceitar a tese de uma origem distinta para a novela séria e para a realista. Dêmos a palavra ao A.: «Parlare della storia — come fa la Trenkner — come fonte della novella seria, e dell'aneddoto come fonte della novella realistica [...] vuol dire mettersi un po⁵ fuori della storia e giudicare in astratto» (pp. 39-40). Para o A., a génese da novela explica-se de modo diverso: «Per noi — e non solo per noi — la novella è dunque una forma «decaduta» di storia; dall'impostazione storica o pseudostorica [...] si passa [...] a un'impostazione in cui l'invenzione opera sulla materia storica con evidenti deformazioni e anacronismi; e da questa a una forma in cui, pur restando press'a poco uguale la vicenda narrata, ai personaggi dai nomi storici sono sostituiti altri di pura invenzione, e infine a una forma (che è già, in un certo senso, degenerazione della novella), in cui

ai personaggi di pura invenzione vengono sostituiti personaggi «tipici», puramente generici» (pp. 40-41). Este processo, que na Jónia encontrou condições excepcionais para se realizar, é válido, ainda que lhe falte alguma das fases apontadas.

Nos capítulos seguintes, o A. examina as manifestações novelísticas na elegia, na poesia coral, na história e até nas artes figurativas. Ocupa-se também do problema da novela ática.

Para darmos uma noção mais completa das intenções e estrutura da obra, transcreveremos os títulos dos vários capítulos do prefácio:

«La novella e le forme affini della narrativa d'invenzione; la novella e l'epica; la novella erotica nella poesia lirica e nella storiografia; la novella «attica» nella poesia drammatica; la novella «storica»; la novella nell'elegia e nella letteratura paradoxografica e metamorfica; la novella nella favolistica, negli epistolografi, nei paremiografi e nella pittura parietale; la novella e le declamazioni retoriche; Sibiritiche e Milesie; raccolte di novelle.»

Da selecção de textos, que constitui a segunda parte deste notável trabalho, diremos apenas o seguinte: não falando dos méritos da tradução, basta referir, para avaliar o intuito do compilador, que, nos noventa e sete trechos escolhidos, estão sucessivamente representados Homero, Heródoto, Nicolau Damasceno, Xenofonte, Plutarco e Pseudo-Plutarco, Aristobulo, Cares, Ovídio, Flégon de Traies, Museu, Aristeneto, Luciano, Fedro, Esquines, *Vita Aesopi*, Bábrio, *Aesopica*, Parténio, Antonino Liberal, Cónon, Eliano, Petrónio e Apuleio.

Especialmente por esta antologia da novela grega, o trabalho de Cataudella poderá interessar um público mais vasto — todos os que não cessam de admirar a extraordinária vitalidade da mensagem helénica.

MARIA ALICE NOBRE GOUVEIA

JUAN L. PEDRAZ, S. J., *Los resortes de la persuasión en la Oratoria*

Sagrada. Santander, Editorial «Sal Terrae», 1956. 228 pp.

Se é verdadeiro o velho aforismo *poetae nascuntur, oratores fiunt*, quem pretender aperfeiçoar-se na difícil arte da palavra encontra neste manual de Oratoria de Pedraz um precioso auxiliar.

Quase sempre livros deste género se abrem com certa prevenção, pois, normalmente, há a convicção de que, quem não tem autêntico *pectus* oratório, de pouco ou nada lhe valerá o melhor dos métodos.